

ENTREVISTA

EDNA SOUSA, A VEREADORA MISS PRETA DE PINHAIS

Iolete Martins Maia¹

Notas iniciais

1. Em Pinhais, no estado do Paraná, Edna dos Santos Sousa — mais conhecida como Miss Preta — construiu uma trajetória inspiradora que atravessa territórios, identidades e lutas sociais. Nascida em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, Edna migrou para o Paraná e, com firmeza e coragem, consolidou-se como a vereadora mais votada do município. Sua caminhada, marcada por uma atuação multifacetada, teve início no universo simbólico da beleza negra, com o título de Miss Preta, e evoluiu para o ativismo social, até alcançar o espaço institucional da política.

2. Nesta entrevista conduzida por Iolete Martins Maia para a Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses), Edna Sousa compartilha com sensibilidade e contundência os caminhos que percorreu. Ela relembra como a figura de "Miss Preta" tornou-se um ícone de representatividade não apenas para a comunidade negra, mas também para outros grupos historicamente marginalizados, como a população LGBTQIA+. Sua performance pública, inicialmente voltada à valorização da estética negra, ganhou contornos mais amplos, tornando-se um instrumento de conscientização e mobilização coletiva.

3. Movida pela indignação diante da ineficiência das políticas públicas e pelo desejo de promover mudanças concretas, Edna decidiu ingressar na vida política. A entrevista aborda com profundidade as campanhas eleitorais desafiadoras de 2020 e 2024, nas quais enfrentou uma série de obstáculos, incluindo o racismo estrutural e a falta de apoio institucional. Ainda assim,

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR - campus Curitiba), onde desenvolve a pesquisa intitulada "GÊNERO E RAÇA: representações no currículo dos cursos técnicos integrados ao ensino médio no IFPR Campus Curitiba". Contato: ioletemaiasud@gmail.com

com perseverança e apoio popular, alcançou uma vitória significativa que a posicionou como protagonista no cenário político local.

4. A conversa também revela os bastidores da transição de Edna da esfera privada para a pública, destacando os impactos emocionais, os enfrentamentos diários e os desafios que envolvem ser uma mulher negra em um espaço historicamente excludente como a política institucional. Ela denuncia a solidão política, o boicote velado e a resistência ao protagonismo negro, ao mesmo tempo em que propõe caminhos para o fortalecimento da presença negra nos espaços de poder.

5. Entre suas reflexões, Edna defende com veemência a importância da educação antirracista nas escolas como pilar para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ela também expõe suas opiniões sobre o sistema de cotas eleitorais, compreendendo-o como uma ferramenta necessária, embora insuficiente, para garantir a diversidade e combater as desigualdades históricas.

6. Ao final da entrevista, Edna Sousa compartilha sua visão sobre o papel da juventude na política e seu desejo de reconfigurar a forma como a sociedade percebe a atuação política. Para ela, é essencial fomentar uma cultura de participação cidadã ativa, que cobre a efetivação de políticas públicas transformadoras e compreenda a política como espaço de disputa por justiça social. Sua história, marcada por resistência, ousadia e compromisso com o coletivo, ecoa como um chamado à ação para que mais vozes negras e periféricas ocupem os espaços de decisão e redesenhem o futuro com base em valores de equidade, dignidade e esperança.

Entrevistadora: Então, Edna, vamos falar um pouquinho de você. Vamos começar falando um pouquinho da tua trajetória até chegar aqui como vereadora.

Miss Preta: *Beleza. As pessoas até confundem, né? A gente estava falando antes aqui da Edna Sousa, a Miss Preta. É importante entender que primeiro vem a Edna, aquela menina que nasceu e cresceu em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, a caçulinha da família Erineu, filha da minha mãe e do meu pai. Essa é a base, a minha história familiar. E depois, num outro momento da minha vida, surge a Miss Preta, essa mulher empoderada que muitas pessoas*

conhecem hoje, a ativista que levanta a voz por diversas causas, a vereadora que ocupa um espaço na política institucional. E a Miss Preta é muito legal porque chega a ser não um personagem, é uma pessoa.

Elote: Você diria que a Miss Preta tem muita representatividade na comunidade negra?

Miss Preta: *Sim, com certeza. A persona Miss Preta carrega uma representatividade muito forte dentro da comunidade negra de Pinhais. Mas o alcance dessa representatividade é ainda maior porque se estende a diversos outros grupos da nossa sociedade. A Miss Preta acabou se tornando um símbolo para as crianças, inspirando os mais jovens, essas juventudes vibrantes que anseiam por mudança e querem construir um futuro melhor. Ela também ecoa as vozes das mulheres, fortalecendo a luta por igualdade e espaço. E, naturalmente, a Miss Preta é uma figura de identificação e representação para a comunidade e as pessoas negras, servindo como um espelho e um exemplo de que é possível alcançar lugares de destaque.*

Iote: População LGBT também, né? Já vi que você também faz bastante ação com esse público. Inclusive, quando eu conheci você foi em uma ação com lá no bosque de Pinhais.

Miss Preta: *Ah sim, do Florescer, que é uma ação do Pinhais pela Diversidade. O grupo tem membros da equipe Miss Preta, que inclusive fundou o Pinhais pela Diversidade, sendo eu mesma uma das co-fundadoras. E a minha relação com amigos e pessoas LGBTs vem desde a minha adolescência, eu sempre tive muita facilidade em fazer amizade, em acolher e isso foi passando e é assim até hoje. Então hoje eu participo das marchas que tem LGBT, Marcha pela Diversidade. Fui homenageada ano passado pelo Grupo Dignidade como aliada da causa. E sempre também, não só aliada, e não só apoiadora e de amizade, mas também contribuindo, usando o protagonismo que eu tenho e a voz que eu tenho para também defender as causas da população LGBT.*

Iote: Qual a sua formação profissional?

Miss Preta: *A minha primeira formação é como técnica em segurança do trabalho, aí eu fiz também profissionalizante, administração pelo SENAI, mas hoje eu sou graduada em processos gerenciais.*

Iolete: Então, como nasce a ideia da Miss Preta Vereadora?

Miss Preta: *Bem, primeiro veio a Miss Preta Ativista, a Miss Preta Miss Pinhais 2018, depois vem a Miss Preta Influenciadora Digital, aí vem a Miss Preta, finalmente, Vereadora. Cada caminho que eu percorri, construí um pouco dessa Miss Preta, para essa Miss Preta se tornar a vereadora e, veio muito da revolta, de você ver as coisas erradas, as políticas públicas não sendo bem aplicadas e eu sempre fui um pouco crítica, um pouco não, muito crítica e através dessas críticas eu olhava assim, perai, mas por que isso não funciona? Por que as pessoas não estão tendo de fato acesso a lugares que deveriam ter? Então, a partir disso, eu comecei a me incomodar de como funciona a política e falei, tá bom, já que não estão fazendo, eu vou lá fazer também alguma coisa.*

Iolete: E como foi a campanha política? Porque você acabou sendo a vereadora mais votada, né?

Miss Preta: *Para falar dessa campanha e dessa vitória de 2024, eu preciso falar antes da campanha de 2020. Primeiro, eu fui candidata em 2020, primeiro vim candidata à vereadora em Pinhais. Eu tive 531 votos. E foi uma campanha tranquila, leve, bonita. E foi uma campanha que as pessoas não me conheciam. As pessoas da política também não me conheciam. Conheciam a Miss Preta miss, a Miss Preta antes de ser vereadora. Foi uma campanha crítica, tudo bem, mas eu não sofri tanto ataque. Os ataques eram tipo assim, ah, ela é muito jovem para estar na política, é bonita para estar na política e é miss para estar na política. Então, essas foram as pequenas coisas que passaram naquela época que as pessoas criticavam. Mas, ainda assim, foi uma campanha leve. Quando chega essa campanha de 2024, foi uma campanha pesada porque eu já estava preparada, a população já me conhecia e também os adversários políticos que eu nem sabia que eu tinha aparecidos e foi uma campanha que atacaram os meus materiais durante a campanha, teve muito boicote e depois que você começa a se colocar como uma pessoa política o olhar é diferente e durante a campanha lembro que a gente fez boletim de ocorrência contra essas pessoas que roubavam nosso material, depredavam nosso material na rua. E assim, tinha organização que sabia onde eu estava, tinha*

perseguição real. E isso está na justiça até hoje. E o resultado foi assim, eu não aproveitei essa campanha igual eu aproveitei em 2020.

Até pra equipe foi diferente. Foi uma campanha que a gente teve que trabalhar muito e foi uma campanha pesada, mas eu tinha muito isso na minha cabeça, que era aquela campanha ou não era nada. Se não desse certo agora, eu de fato, iria sair da vida política, porque eu estava há quatro anos me preparando desde a última eleição para esse momento. E eu falei assim, sem ser vereadora, eu já faço pra caramba na cidade de Pinhais, e se agora não reconhecerem que de fato eu sou uma pessoa que faço antes de ser eleita, eu já não quero mais saber de política e coloquei isso na minha cabeça. E que bom que a população me escolheu, que bom que eu fui a mulher mais bem votada na história da cidade de Pinhais e que bom que deu tudo certo e agora a gente tá aqui.

Iolete: Sobre essa transição da vida privada para a pública, isso já acontece há muitos anos, certo?

Miss Preta: *Muito. Desde 2018, 2017, 2018, eu deixo de ser uma pessoa anônima e isso vai se intensificando a cada dia mais. Mas sabe que isso me ajudou? Porque eu chego aqui em 2024 para 2025, eu já não chego despreparada, eu já não chego como uma pessoa anônima que do nada entrou na política, porque também isso requer um peso muito grande, um choque, eu acho que o choque seria muito maior. Então eu já estou acostumada com, ainda assim, com a crítica na rede social, eu já estou acostumada com esses quatro anos que aconteceu boicote em diversos lugares, eu já tô acostumada, já entendi como funciona o jogo político. E eu te digo, que bom que eu não fui eleita em 2020. Eu reconheço isso. Foi muito bom eu não ter sido eleita em 2020, porque em 2020 eu não tinha a carga de conhecimento e o preparo, até mental, para estar aqui hoje.*

Iolete: Como você avalia a presença e a representatividade de negros e negras nas esferas políticas no Brasil?

Miss Preta: *Então, essa é uma questão que me toca muito e sobre a qual tenho pensado. Por exemplo, tem uma mulher negra que admiro demais e até tive a oportunidade de conhecê-la recentemente — a Aura Carolina, que foi vereadora lá em Minas Gerais e também deputada.*

Ela é uma mulher negra que lutou muito, infelizmente saiu da política por escolhas pessoais. E daí eu vejo que, pra mulher na política, tem sido muito difícil. É uma barreira muito grande. A gente tem a grande Benedita, que faz um trabalho exemplar, mas a gente também tem, quando eu participei de um festival no fim de semana, que foi o Mel, eu percebi que as histórias das mulheres, que ali eu tive a oportunidade de estar com vereadoras, deputadas, líderes comunitárias, então essas mulheres, as negras em específico, a história é a mesma, as mesmas dificuldades nas suas cidades. Ao mesmo tempo que eu vejo essa dificuldade, também me inspira para saber que eu não estou sozinha, para saber que o problema, já que ele é um problema geral, é algo que a gente precisa enfrentar.

E é uma barreira. É como se a gente estivesse hoje dentro da política, as mulheres negras e as pessoas negras em si, ainda lutando muito por um reconhecimento e por mais que a gente ocupe lugares de poder e decisão, a gente tem que provar 50 vezes mais a nossa capacidade. Porque a primeira coisa que vai acontecer se a gente deslizar, a primeira coisa que vão colocar em xeque é a nossa capacidade de estar no cargo que a gente está.

Iolete: Quais os maiores desafios que você percebe que pessoas negras no geral enfrentam para alcançar e para estar em espaços de poder?

Miss Preta: *Os desafios políticos, eu vou falar no âmbito político-partidário, sobre a falta de recurso financeiro na hora de financiar a campanha, são os menores recursos. Eu vou dizer que a falta de oportunidade, que ainda tem aquela coisa do quem indica. Eu lembro uma vez que eu ouvi uma frase de uma menina que participava de um reality show, que ela falava assim, que afetos ditam prioridade. E é bem isso mesmo, a falta de afeto, a falta de você ter um ciclo de amizade que vai te abraçar e que vai te levar pra frente. Isso também é importante a gente falar de saúde mental e desse lugar, mas eu acho que é a falta mesmo de oportunidade, pois ela é global para as pessoas negras.*

Iolete: Como tem sido na sua trajetória política se deparar com situações de racismo nas suas atividades institucionais? Dentro da Câmara de Vereadores, como você lida com essas experiências e como elas influenciam a sua atuação política?

Miss Preta: *Como uma mulher negra, eu procuro ser muito centrada. Eu sabia que isso ia acontecer. Olha que loucura! Eu sabia que isso ia acontecer! Eu sabia que é quase impossível a gente passar por um espaço como esse e não sofrer nada. É muito louco isso, porque tem histórias. E o recorte, a gente sabe que é o mesmo. Aqui no Paraná, as deputadas sempre falam que sofrem e a gente tem vereadoras que tem vereadoras que no primeiro ano de mandato, teve vereadora que no primeiro dia do mandato ela foi agredida, sofreu agressão na rede social. Então, quando isso acontece, aqui dentro do mandato Miss Preta, quando a gente recebe essas ameaças nas redes sociais, esse crime, essa ameaça contra a minha vida, esse racismo, isso é uma tentativa de parar. Uma tentativa de parar o mandato, uma tentativa de deixar com medo, uma tentativa de causar o terror.*

E eu fico assim, eu não fico assustada, eu não fico com medo, mas eu tô atenta. E eu aproveito esse espaço que eu estou de visibilidade política e espaço de poder enquanto vereadora, porque ainda assim eu sou uma autoridade, sou uma vereadora, aproveito isso pra externalizar, levar para a mídia, porque eu acho que é isso que a gente tem que fazer e procurar a justiça.

Hoje a gente não está medindo esforço nenhum para pedir ajuda aqui dentro da Câmara, não tem sido fácil. Recentemente teve a sessão plenária aqui e, pela primeira vez desde 2021, a gente fez uma pesquisa das dezenas de proposições de menções de título para cidadão honorário, e moções de louvor, as minhas homenageadas foram as primeiras, a primeira, na verdade, a receber a negativa, o voto contrário dos vereadores em plenário. Isso foi muito vergonhoso. E é vergonhoso também para a Câmara, porque a gente mostra exatamente que eles não estão sabendo fazer política com coração e sim com fígado. Estão fazendo política muito... não estão sendo racionais. Estão com ódio. E esse ódio, eu até falei hoje num vídeo, que esse ódio veio de acordo com uma votação. É muito natural dentro de uma Câmara, vereadores que vão votar contra ou a favor de projetos. Mas a partir do momento que eu, enquanto a única mulher preta da casa, voto contrário, parece que eu não posso votar. Isso se torna uma perseguição. Sendo que outros vereadores também votaram contrário e daí os outros vereadores não acontece nada com eles. São homens. Mas quando é a mulher preta que se posiciona, quando é a mulher preta que articula, que cobra, essa perseguição fica nítida. E a população tem visto. E eu faço questão também de mostrar isso para que a população saiba o que está acontecendo. Porque uma coisa que aconteceu de novo aqui na Câmara Municipal de Pinhais, é esse novo olhar. Porque antes os vereadores não tinham rede social, não mostrava

tanto. E eu faço questão de mostrar de uma forma muito didática, não para sujar a imagem da Câmara, não para mostrar um lado ruim, mas para mostrar o que é, o que é de fato.

Iolete: Você como uma mulher negra, além de você representar mulheres, você acaba representando uma população negra que se vê ali representada em você. Então, como você acha que o racismo impacta diretamente as comunidades que você representa e quais políticas públicas você considera essenciais para promover a equidade racial?

Miss Preta: *Ele impacta na escola, no dia a dia, o racismo, ele impacta na fila de um supermercado. O racismo, ele impacta também na hora de você estar andando nas ruas. O racismo, ele tá em todos os lugares. E como eu acredito que hoje a gente precisa trabalhar em cima disso, é através da escola, através da educação primária.*

Eu tenho um pouco de dificuldade de querer mudar a cabeça das pessoas, porque eu acredito sinceramente que não dá para mudar a cabeça das pessoas depois de um certo tempo, ainda mais quando a população já tem aquele racismo enraizado. Então, por isso que hoje eu quero trabalhar muito com as crianças, eu quero trazer essas crianças para perto. E isso muda essa perspectiva do racismo quando eles veem lideranças negras no espaço de poder. Porque principalmente as crianças que são negras, pequenas, elas vão se identificar. E as pessoas não negras, as crianças não negras, elas vão também entender que tá tudo bem mais uma pessoa assim como nós. E essa é a forma mais didática de você trabalhar em uma nova geração.

Eu fui homenageada numa escola no mês de março e foi muito interessante porque quando eu cheguei lá, eu com meu cabelo black, o meu jeito, e as crianças ficavam de boca aberta. Nossa, como ela é linda! E as meninas negras, elas estavam assim, com aquele olhar de... aquele olhar brilhante. Caramba! E eu faço questão de conversar com essas meninas negras. Porque agora eu sou vereadora, vocês também podem ser vereadoras, podem ser médicas, eu gosto de incentivar. E depois, no final, as crianças não negras pedindo pra tocar no meu cabelo. Ah, eu posso colocar a mão. Eu deixo as crianças colocarem a mão no meu cabelo, eu faço questão que coloquem. E daí quando elas se aproximam, elas falam, nossa, como é cheirosa, como o cabelo é limpinho, como o cabelo é fofinho. E isso é bom, porque quando essas crianças ouvirem qualquer tipo de preconceito em relação ao cabelo, elas vão lembrar dessa imagem da Miss Preta. Elas vão lembrar dessa imagem. Não! O cabelo não é duro. O cabelo não é

bombril. Não tem nada dividido. E por isso é importante a figura também dessas pessoas em estado de poder participando da sociedade.

Iolete: Você acredita que a eleição de negros e negras para cargos políticos pode transformar a estrutura de poder no Brasil?

Miss Preta: *Acredito, inclusive, que esse é o caminho.*

Iolete: E quais são as estratégias que você utiliza ou pretende utilizar para fortalecer a presença de negros e negras na política?

Miss Preta: *Acredito que, primeiro, na verdade, a gente tem que brigar pela questão que tenha mais mulheres negras participando, disputando esse espaço eleitoral. E que também os partidos garantam financeiramente com que essas campanhas sejam bem sucedidas. Quando falo bem sucedidas é que tenham pessoal de rua para trabalhar, que essas mulheres saibam o que estão fazendo e não chamar ali só faltando poucos dias para fechar o prazo para se candidatar, como se fosse para preencher ali a cota. Eu acredito muito que o caminho é esse. Estruturar também as novas lideranças.*

E o que eu tenho feito hoje, enquanto vereadora, é mapear algumas figuras, mulheres, pessoas negras, que eu acredito que têm potencial na política, porque eu não quero ficar aqui para sempre. Eu quero também trazer essas pessoas para que elas também ocupem um cargo de poder aqui dentro da Câmara, ou como deputada, estadual, federal, dentro dos grêmios e que a gente comece a pautar política também nas escolas. Então, eu tenho me empenhado muito nessa questão de mostrar para as outras lideranças que é possível, que tem uma forma de trabalhar.

Iolete: Quais políticas públicas você percebe que precisam ser implementadas com urgência aqui em Pinhais?

Miss Preta: *Aqui em Pinhais, como eu fiz parte do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, o COMPIR e participei do Fórum Étnico-Racial, como vice-coordenadora, acho que dois anos lá, então, acredito que o que está faltando hoje, o que tem que ser falado,*

não só em Pinhais, mas eu falo agora a nível federal é que a gente precisa de um protocolo de combate ao racismo nas escolas. Um protocolo eficaz. Eu sei que a gente tem a Carol Dartora que está fazendo esse protocolo. Esse protocolo a gente já vem falando há um tempo e me entristece muito saber que, por mais que exista a lei, ela não é tão eficaz na hora de punir uma pessoa racista. Porque se não tem punição, automaticamente as pessoas acreditam que elas podem continuar cometendo esse crime. Então são duas formas que acredito que podem diminuir atos de racismo: a lei, para punir de verdade, que tenha jurisprudência, de fato, e que tenha protocolo nas escolas. Eu acredito muito no caminho das crianças da escola.

Iolete: Qual é a sua opinião sobre o funcionamento das cotas eleitorais e sobre a sua efetividade? E como ela poderia ser melhor implementada?

Miss Preta: *Bom, existe uma discussão, né? Mas o que eu acho mesmo em relação às cotas? Eu acho que elas são válidas, porém, eu acredito que a única coisa que vai mudar isso mesmo é uma questão de financiamento, de campanha. A única coisa que tem que ser feita é assim, o partido falar, não, peraí, eu tenho que garantir de verdade agora que o fundo eleitoral para as pessoas negras funcione na prática. Nem é questão de cota, é questão da grana chegar na galera que tem que chegar.*

Iolete: Para finalizar aqui, eu vou te fazer duas perguntas: O que você espera deixar como marca da sua atuação política? E também quero te perguntar se você sente que está mudando a forma como as pessoas veem política?

Miss Preta: *Ah, sim. O que eu quero deixar enquanto parlamentar, eu quero deixar que a juventude veja e que as pessoas que são desacreditadas na política, elas consigam ver o mandato Miss Preta e elas consigam se inspirar para que possam ter um olhar com mais atenção para a política, a institucional, a política partidária, para entender que tudo é política. Tudo é política. E existe um plano, um plano muito antigo, que faz com que as pessoas não queiram se interessar na política. E eu falo que esse plano é um plano que deu muito certo e que agora, se eu conseguir mostrar para as pessoas que a gente precisa derrubar esse plano e sim entender de política, prestar atenção no que está acontecendo nas Câmaras Federais, na*

Assembleia Legislativa, nas Câmaras Municipais, a gente vai começar, de fato, a perceber e cobrar também, porque isso também faz parte do ser cidadão.

O cidadão também tem esse dever de cobrar política pública no seu município e eu acredito que eu quero muito inspirar as pessoas a isso: fazer parte da política. Quero que o mandato seja visado como um mandato participativo, um mandato que provocou com que a população de fato viesse junto com a gente e, perai, isso aqui é dever da população também se juntar com a gente e fazer política.

E a outra pergunta que você fez foi sobre se eu sinto que estou mudando a forma como as pessoas veem a política. Bem, a gente vive num momento muito polarizado, não é nem polarizar a palavra, a gente vive num momento muito crítico num país que a gente tem as pessoas que têm a opinião ali e não estão preparadas para entender a opinião do outro e tem gente que não quer de fato entender o outro lado da política e essa questão do ódio que hoje tem, me preocupa bastante porque aí eu falo que eu não sei se as pessoas estão, de fato, com outro olhar. Porque antes, as pessoas, de fato, não olhavam tanto para a política. Mas agora eu tô vendo que se está mudando isso, me preocupa também porque como essas pessoas estão chegando para a política? Elas estão chegando de fato na política para querer agregar ou elas estão querendo chegar só para causar a discórdia, a briga e o ódio?

E eu, sinceramente, não sei se isso está mudando. Se, de fato, as pessoas estão preparadas. Porque, às vezes, eu estou vivendo uma bolha. Porque hoje eu estou parlamentar. E, às vezes, tudo isso aqui é uma grande bolha. Porque eu venho da bolha. Antes eu estava no samba, no mundo Miss, e existem bolhas na sociedade. Se você é professora, e tá muito no âmbito universitário, estudando, fazendo mestrado, você não tem tempo para outras coisas, você não tá na sua bolha? Na sua bolha você entende tudo e você acha que tá tudo mudando.

Na política também, às vezes me preocupa isso, porque aqui dentro da Câmara eu falo, subo em plenária, participo das atividades do partido, participo dos congressos voltados para a política, mas quando eu vou lá no bairro para conversar com as pessoas, a galera não tá nem aí para a política. Mas não tá nem aí porque não tá preocupada, porque a atividade do dia a dia, em pegar o ônibus, em ter que trabalhar, ter que comprar alimento, ter que botar as crianças na escola, acaba deixando ela sem essa percepção: perai, deixa eu entender o que tá acontecendo na Câmara da cidade, o que tá acontecendo no Brasil, deixa eu ligar a televisão, deixa eu ver o que o presidente tá fazendo. Mas é isso que eu falo. Mas tudo isso que essa pessoa fez durante o dia, de botar a criança na escola, de pegar o ônibus, de ir no mercado,

tudo isso é política. Tudo se impacta. Ela tá na política, mas sem saber o que é política. Mas essa política que você me perguntou se está mudando, se as pessoas estão mais interessadas, de fato eu não sei.

Notas Complementares

1. Ao final da entrevista, Edna Sousa, a Miss Preta, compartilhou sua visão sobre o papel da juventude na política e seu desejo de reconfigurar a forma como a sociedade percebe a atuação política. Para ela, é essencial fomentar uma cultura de participação cidadã ativa, que cobre a efetivação de políticas públicas transformadoras e compreenda a política como espaço de disputa por justiça social.

2. Como entrevistadora, não posso deixar de registrar o impacto dessa conversa. Edna Sousa é o retrato vivo de uma liderança que não se rende aos limites impostos pela estrutura racista, patriarcal e elitista do sistema político. Seu percurso rompe silêncios e inaugura possibilidades para outras mulheres negras, que tantas vezes são privadas do direito de sonhar com um lugar na tomada de decisões. Escutá-la é um exercício de escuta ativa e política, capaz de nos mobilizar para além da admiração.

3. A entrevista com Edna é, antes de tudo, um convite à reflexão coletiva sobre os caminhos que queremos trilhar enquanto sociedade. A sua fala firme, mas generosa, denuncia injustiças e aponta saídas. Ela nos lembra que a política não deve estar restrita aos gabinetes, mas sim pulsar nas ruas, nas escolas, nos coletivos e nos territórios. Ao narrar sua trajetória, Edna reafirma que ocupar espaços de poder não é um favor — é um direito. E esse direito, conquistado com luta, deve ser exercido com consciência, compromisso e coragem.

Recebido em: 2 maio 2025.

Aceito em: 18 maio 2025.